

APRESENTAÇÃO

A revista Terceira Margem vem a público desta vez com um número dedicado ao tema "Ficção e idéias". Trata-se, portanto, de articular a fictio, do verbo latino fingere, "modelar na argila, moldar, esculpir," mas também "imaginar, inventar, fingir", à "visibilidade" do conceito, contido no termo grego êidos, de onde vem o nosso idéia. Ficcionalizar a idéia ou idealizar a ficção: a ênfase deve ser posta na conversão, passagem ou tradução de uma na outra.*

Ao tema proposto, os pesquisadores deram tratamentos os mais diversos. Henrique Cairus fornece elementos para se pensar uma história da noção de tékhne, mal traduzido pelo equivalente latino ars, situando, justamente, entre a invisibilidade e a visibilidade do êidos, o surgimento do saber médico em Hipócrates. Manuel de Castro encontra no episódio do canto das sereias da Odisséia uma inscrição do mito originário da palavra poética cantada e ritmada. O poetar entendido como poiesis, "fabricar, confeccionar", e o ritmo (com Benveniste) como "forma distintiva, figura proporcionada, disposição". Irineu Corrêa lê Bernardo Guimarães a contrapelo da tradição que o via como figura epigonal, desentranhando nele a ficcionalização do witz freudiano e a idéia da ironia, próxima do romantismo alemão. José Carlos Prioste demarca na poesia de Mallarmé o território das "subdivisões prismáticas da idéia", quais sejam: as configurações sonoras que se articulam com a sociedade ao negar-se a representá-la, ou ao "representar a idéia de uma humanidade livre", como diria Adorno. Mario Cesar Newman desontologiza a idéia de Natureza em Alberto Caeiro, supostamente o menos "fingido" dos heterônimos pessoanos, demonstrando como ele a nega e desorganiza, até transformá-la na multiplicidade desinteriorizada de um mistério nu. Alcmemo Bastos contrapõe as representações ficcionalizadas às históricas em Triste fim de Policarpo Quaresma, para opô-las, por sua vez, como um todo, à operação machadiana de esvaziamento do real pela reflexão da ficção. Ângela Maria Dias

analisa as múltiplas faces da ficcionalização do autor, em suas infinitas mise en abyme e espelhamentos em série, nos romances de Rubem Fonseca; e Eduardo Guerreiro se debruça sobre O felino predador, de Ronaldo Lima Lins, identificando o procedimento de metaforização e narrativização propriamente ficcional da teoria, na escrita ensaística. Luciana Nogueira persegue os diversos locais da figura intradieética do contador de causos nos romances de Tahar Ben Jalloun, como tantas ficcionalizações estranhas e estrangeiras do narrador. Finalmente, Marildo Nercolini e Ana Isabel Borges lançam um olhar de soslaio sobre dois massacres americanos, que em si traçam um arco sobre a história das Américas: o massacre do templo azteca por Cortés (1520), e o ataque às torres gêmeas do World Trade Center (2001), para demonstrar como, em ambos os casos, é a ausência de tradução ou do tradutor que instala a destruição. Os dois críticos submetem, em primeiro lugar, estas duas instalações de Babel (pela destruição dos dois "templos") à uma teoria da tradução, traduzindo-as entre si, e, em seguida, opondo-os à uma tradução cultural que "dê forma" ao outro, estranhando a língua-alvo, abrindo-a à sua convivência, imaginando uma forma (possível?) em que isso possa acontecer.

Este número de *Terceira Margem* foi financiado em parte pela Direção da Faculdade de Letras. A ela, portanto, o nosso mais profundo agradecimento.

João Camillo Penna

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura